

Pesquisar-formar, formar-pesquisar: uma proposta de registro para os caminhos percorridos

Laurinda Ramalho de Almeida

Eliane Bambini Gorgueira Bruno

Introdução

O propósito deste texto é apresentar, para pesquisadores iniciantes, uma sugestão de registro para discriminar os procedimentos de pesquisa e os de formação, no tipo de investigação em que os papéis de pesquisador e de formador são desempenhados pela mesma pessoa.

Embora não seja nosso objetivo discutir os conceitos de pesquisa e de formação, até porque literatura abundante foi já produzida sobre o tema, julgamos importante situá-los brevemente.

1 – Pesquisa,

Em quais condições pode-se falar de pesquisas?

Parece que uma vasta literatura concorda, valendo-se de denominações ligeiramente diferentes, em reconhecer um procedimento como de pesquisa segundo três condições:

- uma produção de conhecimentos novos (critério 1);
- uma produção rigorosa de encaminhamento (critério 2);
- uma comunicação de resultados (critério 3).

(Beillerot, 2002, p. 71)

Esses critérios definem, para Beillerot, uma “pesquisa mínima”. Uma “pesquisa de segundo grau”, desejável nos meios acadêmicos, deveria, segundo ele, apresentar mais três critérios: 4) introdução da dimensão da crítica e da reflexão sobre as fontes, métodos e modos de trabalho; 5) sistematização da

coleta de dados; 6) presença de interpretações baseadas em teorias reconhecidas e atuais que contribuam para elaboração de uma problemática.

Portanto, pesquisar significa produzir conhecimento, a partir de coleta e análise de dados de forma rigorosa (o que exige do pesquisador adequada fundamentação teórico-metodológica) e elaboração de relatório circunstanciado.

2 – Por formação entendemos não apenas um conjunto de procedimentos que leve ao domínio de conteúdos e de habilidades didáticas; nós a entendemos no sentido de *Bildung*, como Abbagnano (1982) esclarece:

Formação (al. *Bildung*). No sentido específico que esta palavra assume em filosofia e pedagogia, em relação ao termo alemão correspondente, ela indica o processo de educação ou de civilização, que se expressa nas duas significações de cultura, compreendida de um lado como educação, de outro lado como sistemas de valores simbólicos.

Portanto, um processo de formação, embora tendo objetivos e conteúdos específicos, em função da clientela à qual se dirige e do contexto no qual está situado, atinge a pessoa completa, em seus afetos e cognições, valores e símbolos. E, nesse processo, formando e formador são afetados.

3 – Pesquisas com o objetivo de produzir conhecimento sobre processos de desenvolvimento profissional (nos quais os processos de formação estão incluídos), bem como sobre processos de ensino e aprendizagem, têm sido realizadas por meio de colaboração entre pesquisadores acadêmicos (professores universitários ou pós-graduandos elaborando suas teses e dissertações) e profissionais de diferentes níveis de ensino. Esse tipo de pesquisa, com diferentes adjetivações (colaborativa, de intervenção, de parceria, de aprendizagem conjunta) enfrenta desafios, pois coloca os pesquisadores, ao mesmo tempo, como co-autores de ações e como investigadores dessas mesmas ações. Embora reconhecendo que os processos de formação e de pesquisa se articulam em vários momentos, é preciso reconhecer, também, a especificidade de cada um; é importante, pois, que as duas trajetórias, a da pesquisa e a da formação, sejam claramente detalhadas.

Uma alternativa facilitadora: fluxograma dos processos

O delineamento do fluxograma surgiu na dissertação de mestrado de Bruno (1998), para registrar a distinção entre os procedimentos de formação e os de pesquisa. Seu problema de pesquisa consistiu em analisar o processo de formação continuada de uma professora coordenadora pedagógica da rede estadual, sendo Bruno a formadora, objetivando desenvolver habilidades e atitudes que possibilitassem à coordenadora uma ação formadora com seu grupo de professoras. Acompanhou durante três semestres o trabalho da coordenadora, e por meio de registros sistemáticos (seus e da coordenadora) e observações dos encontros da coordenadora com as professoras, foi construindo a análise sobre a formação vivenciada pela coordenadora. Se a metodologia de formação foi assumida como oportunidade de construir um modelo de ação para a coordenadora, os procedimentos muitas vezes se confundiram com os procedimentos da pesquisa. Daí o esforço de refletir sobre as distinções entre ambos para compreender especificidades dessas duas práticas: formação e pesquisa. Esse esforço deu origem a um fluxograma, para registrar toda a trajetória das duas práticas e a articulação entre elas – Fluxograma 1.

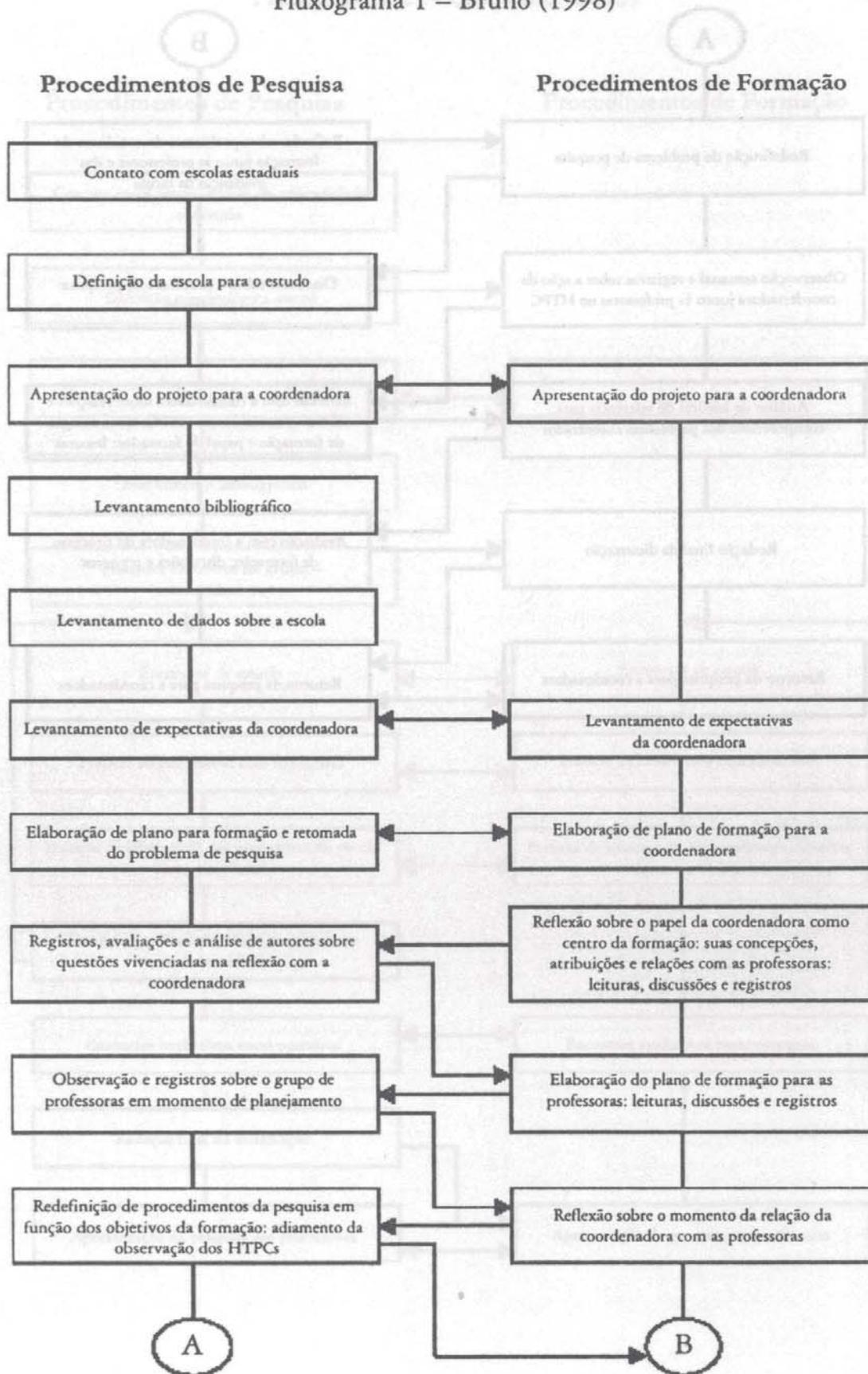
Outras pesquisadoras, que foram pesquisadoras e formadoras ao mesmo tempo, inspiradas no procedimento de Bruno (ibid.), elaboraram seus fluxogramas em função de seus problemas de pesquisa:

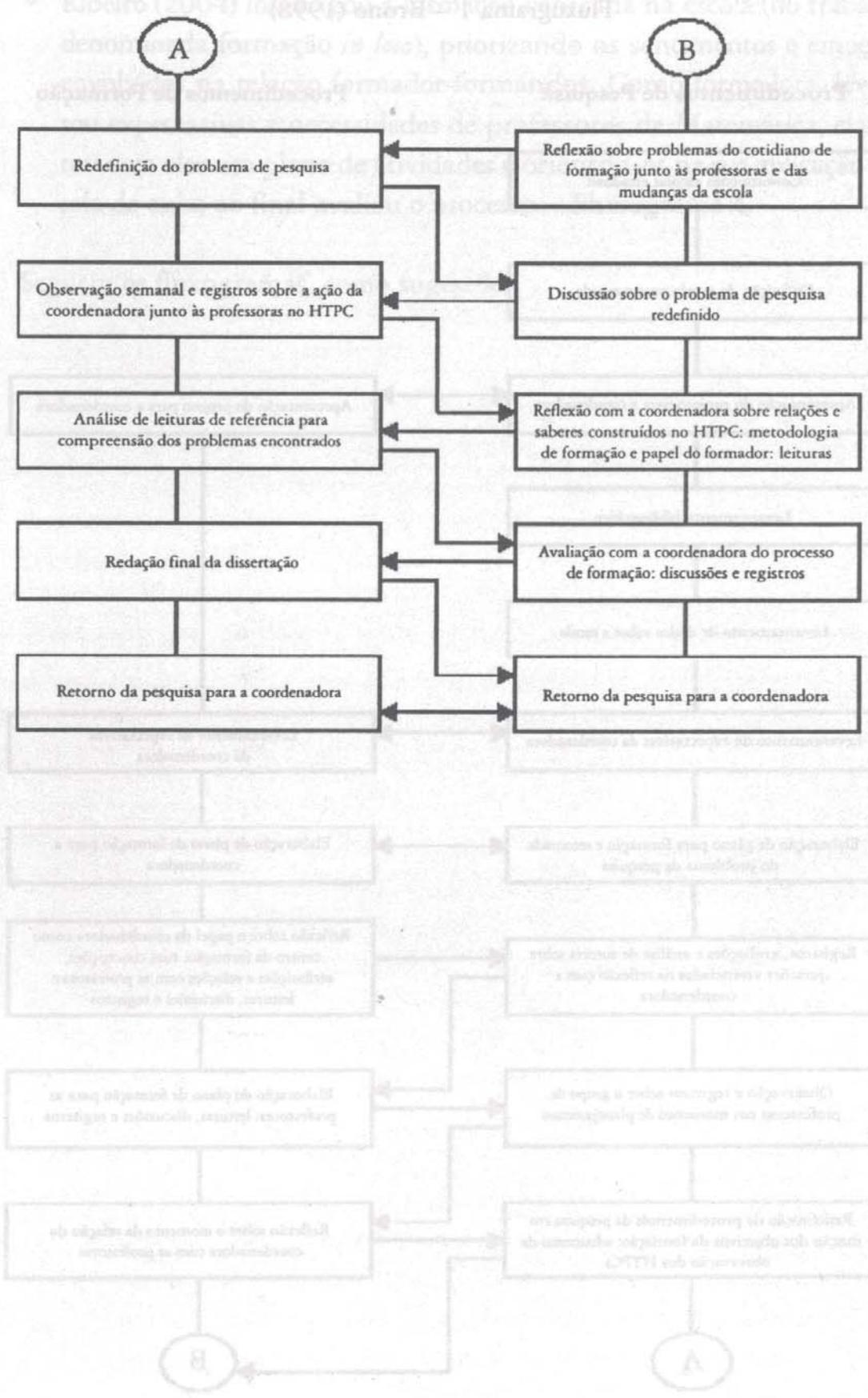
- Chicarino (2003) investigou o processo desencadeado por uma parceria entre professores de uma universidade e professores de uma escola pública, com o objetivo de reativar o laboratório de Química da escola. Como uma das formadoras das professoras de Química da escola pesquisada, selecionou textos para estudo, discutiu-os com elas, planejou e desenvolveu, com as mesmas, práticas de laboratório para serem posteriormente executadas com os alunos, e promoveu encontros de avaliação – Fluxograma 2.
- Godoy (2003) pesquisou a elaboração de um projeto de estágio para alunos da licenciatura em Arte e sua implantação em uma escola pública, por meio da linguagem de dança. Como professora-formadora, elaborou com as alunas estagiárias o projeto de estágio e orientou-as durante todo o processo de implantação e implementação do mesmo, tendo como objetivo o desenvolvimentos da profissionalização das alunas-estagiárias – Fluxograma 3.

- Ribeiro (2004) investigou a formação centrada na escola (no trabalho denominada formação *in loco*), priorizando os sentimentos e emoções envolvidos na relação formador-formandos. Como formadora, levantou expectativas e necessidades de professores de Matemática, elaborou com eles um plano de atividades e orientou-os na sua aplicação em sala de aula; ao final avaliou o processo – Fluxograma 4.

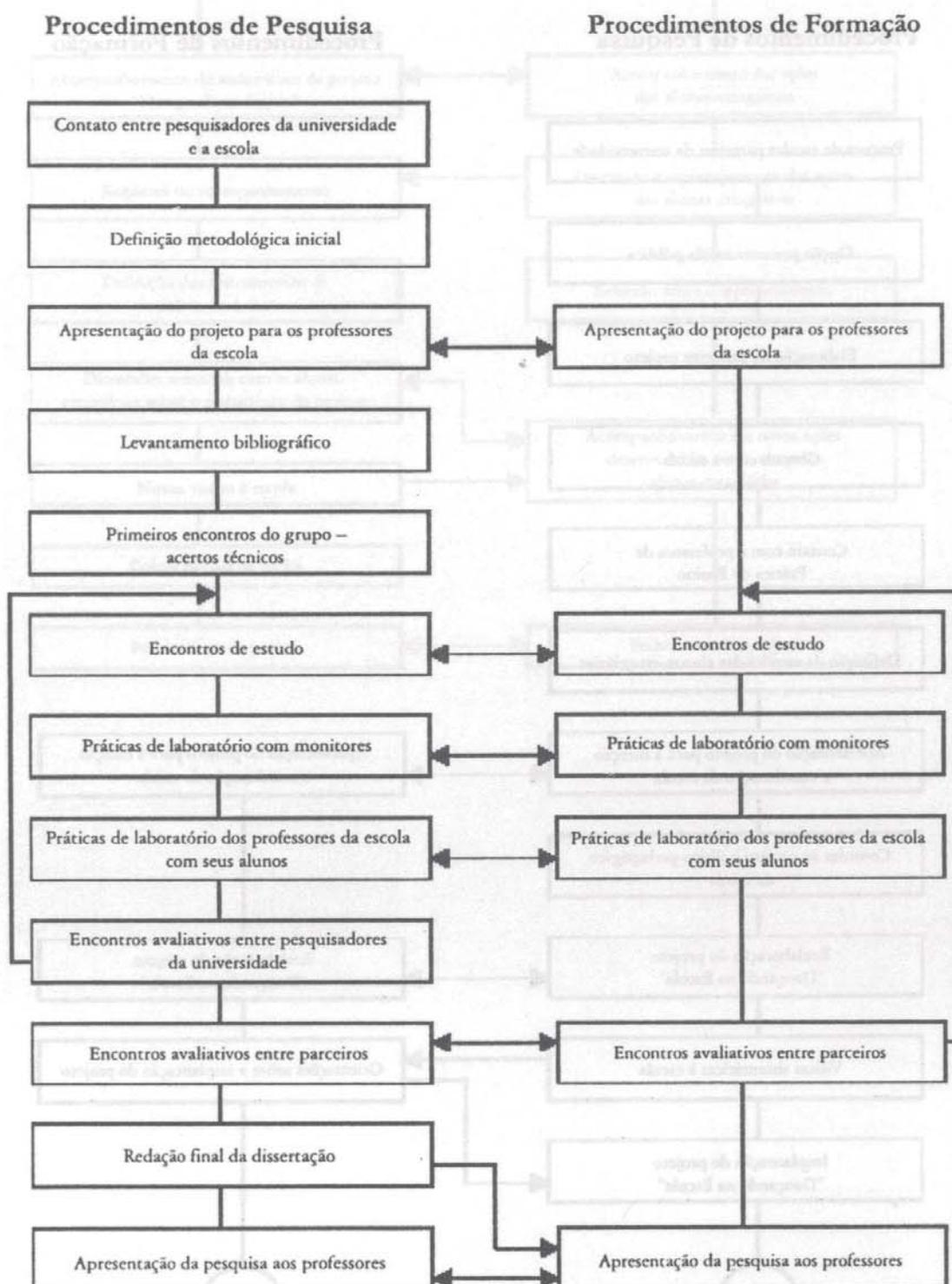
Seguem os fluxogramas, como sugestões.

Fluxograma 1 – Bruno (1998)

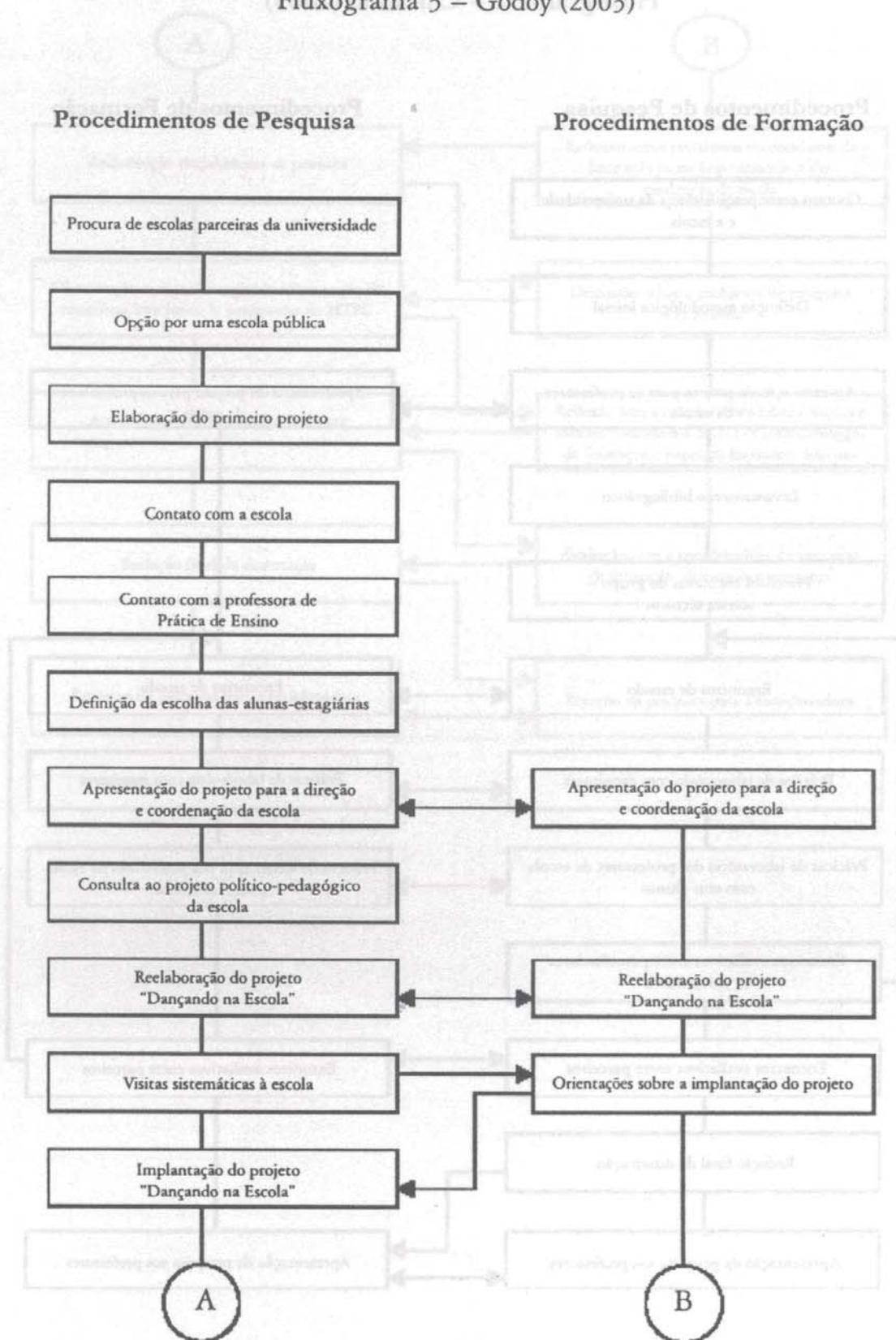


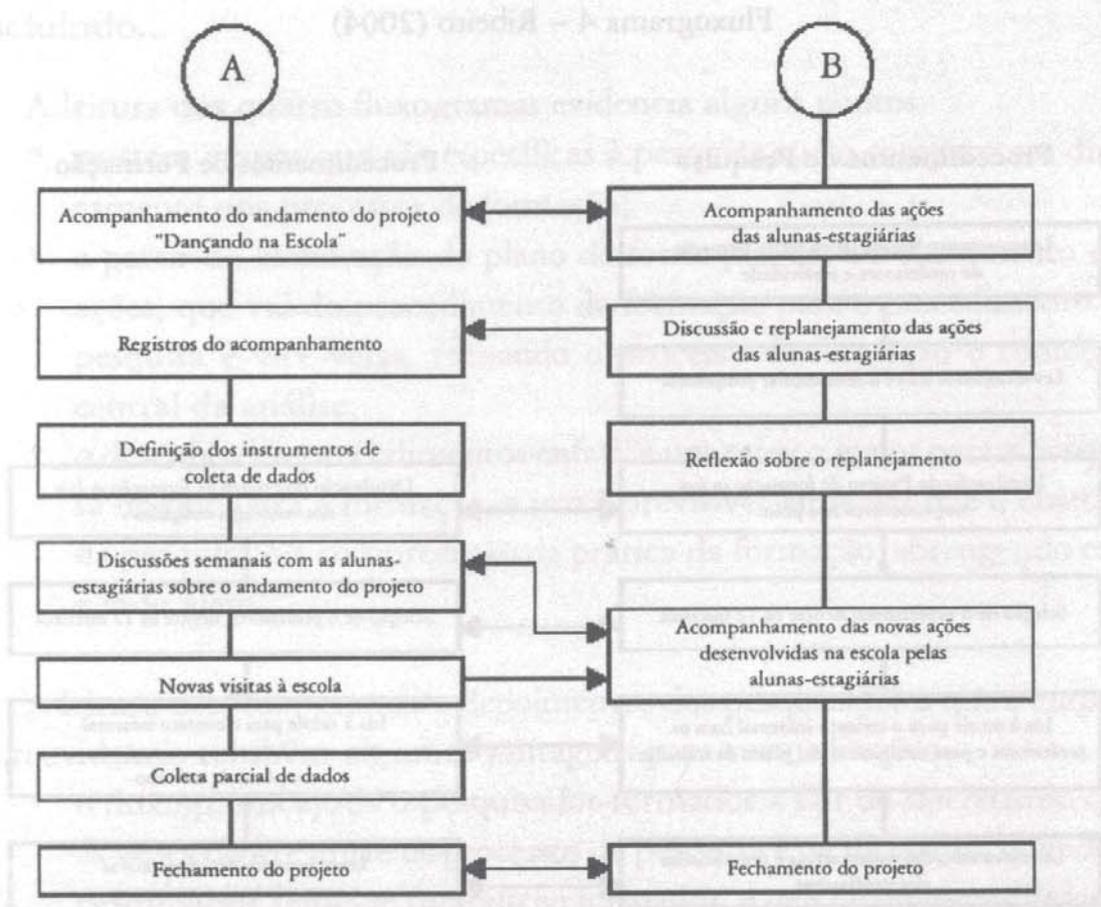


Fluxograma 2 – Chicarino (2003)

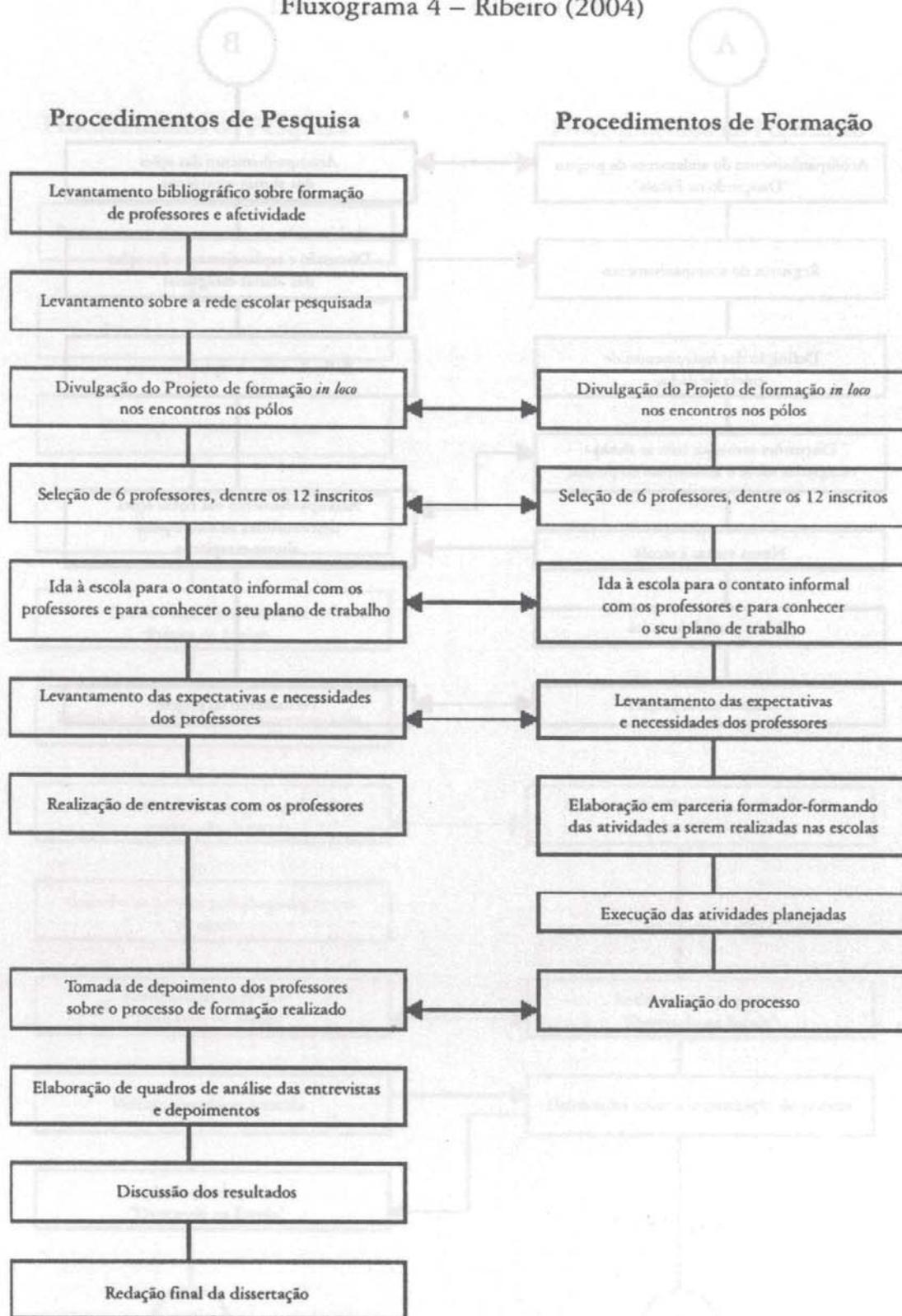


Fluxograma 3 – Godoy (2003)





Fluxograma 4 – Ribeiro (2004)



Concluindo...

A leitura dos quatro fluxogramas evidencia alguns pontos:

- existem etapas que são específicas à pesquisa e não aparecem diretamente nos processos de formação;
- a partir da elaboração do plano de formação, há um movimento das ações, que vai do procedimento da formação para o procedimento da pesquisa e vice-versa, tornando o processo de formação o conteúdo central da análise;
- o desenho dos procedimentos enfatiza um espaço maior para a pesquisa do que para a formação, e isso é previsível, uma vez que o objetivo da pesquisa é a compreensão da prática da formação, abrangendo esta e indo além.

A leitura dos fluxogramas e depoimentos dos pesquisadores que o empregaram evidencia também algumas vantagens para sua utilização:

- o fluxograma ajuda o pesquisador-formador a sair do sincretismo que às vezes ocorre entre os processos de pesquisa e de formação, quando o pesquisador sente-se fundido ao formador, e não distingue a diferença entre o foco de um e o de outro;
- o fluxograma ajuda o pesquisador a voltar para seu objetivo de pesquisa, quando, ao se encantar com a formação, esquece o seu papel de pesquisador;
- o fluxograma facilita o trabalho do pesquisador, tanto no momento de planejamento de sua pesquisa, como no processo de análise de dados;
- o fluxograma facilita ao pesquisador a distinção entre os dois papéis que desempenha;
- o fluxograma facilita ao leitor a compreensão, tanto do processo de formação, como do processo de pesquisa.

Uma observação final:

- O fluxograma não é uma "camisa de força". Tanto na pesquisa, como na formação, o desencadear das situações pode levar ao redirecionamento das ações do pesquisador-formador e esse movimento pode e deve ser registrado no fluxograma, e está evidenciado nos exemplos apresentados.

Referências

- Abagnano, N. (1982). *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Mestre Jou.
- Beillerot, J. (2001). "A pesquisa: esboço de uma análise". In: André, M. (org.). *O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas, SP, Papirus.
- Bruno, E. B. G. (1998). *Tornar-se professora coordenadora pedagógica na escola pública: análise de um processo de formação contínua*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC, Programa de estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação.
- Chicarino, A. G. G. P. (2003). *A utilização do laboratório de Química: uma experiência de parceria entre Universidade e escola pública*. Dissertação de mestrado. Unesp, Bauru, SP, Pós-Graduação em Educação para a Ciência – Área de concentração Ensino de Ciências.
- Godoy, K. M. A. (2003). *Dançando na escola: o movimento da formação do professor de Arte*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação.
- Ribeiro, J. O. S. (2004). *Formação centrada na escola: sentimentos envolvidos na relação formador-formandos*. Dissertação de mestrado. São Paulo, PUC, Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação.

Laurinda Ramalho de Almeida

Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação da PUC-SP e coordenadora da área de Educação do Centro de Pós-Graduação das Faculdades Oswaldo Cruz
E-mail: laurinda@pucsp.br

Eliane Bambini Gorgueira Bruno

Professora e coordenadora de Núcleos de Estudos e Estágios da Faculdade de Pedagogia da Faculdade Integração Zona Oeste – Osasco. Doutoranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação – PUC-SP
E-mail: eliane.gorgueira@terra.com.br